

## CONTEÚDOS E ESTRATÉGIAS NO ENSINO DE BEM-ESTAR ANIMAL

Prof. Luiz Alberto do LAGO<sup>1</sup>

Desde o reconhecimento da relevância do ensino de bem-estar animal e também da delegação desta responsabilidade aos cursos de medicina veterinária, diversas entidades que tem interesse nesta temática e, principalmente, instituições que ministram este curso em todo mundo, vem discutindo esta questão. Obviamente que o objetivo destas é encontrar uma proposta pedagógica que atenda, em no mínimo, a contemplação de conteúdos programáticos e que empregue estratégias de ensino suficientes para garantir, além do fornecimento do conhecimento, também o desenvolvimento de habilidades e, portanto, que confira competência ao aluno para lidar com esta matéria. Recentemente, maio último, foi realizado na Universidade Estadual Paulista – UNESP-Jaboticabal, SP., um “wokshop” onde este tema foi trabalhado e neste, tivemos a oportunidade de ouvir e ver a experiência de colegas do Brasil, de quase toda América Latina, Estados Unidos e da Europa.

Quando ensinar é a questão algumas perguntas básicas devem ser respondidas para se estabelecer uma proposta que realmente atinja o objetivo. Uma delas seria “*quem vamos ensinar?*” Há alguns anos a comunidade científica chegou à conclusão de que esta área do conhecimento deveria ser ensinada aos alunos do curso de medicina veterinária principalmente. Em seguida, do ponto de vista pedagógico, precisamos saber “*quando vamos ensinar?*” Os cursos de medicina veterinária no Brasil normalmente são estruturados para uma duração de dez períodos letivos (cinco anos), sendo um por cada semestre. Bem-Estar Animal (BEA) é um ramo da ciência que exige, para sua compreensão e aprendizado, conhecimentos básicos que são oferecidos aos nossos alunos ainda durante o ciclo inicial do curso, que compreende os dois primeiros anos. É uma disciplina essencialmente de contextualização do conhecimento, requer recursos argumentativos oriundos do exercício de habilidades de análise crítica na sua interpretação de diversas áreas e, portanto, a conferência de competência nesta, necessariamente, depende da construção prévia, no aluno, de uma plataforma sólida de conhecimento e habilidades básicas. Assim, desde premissas filosóficas abordando comportamento humano no mais genuíno exercício do papel educador e

---

<sup>1</sup> Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais

exemplificador do professor, durante este ciclo principalmente, tem impacto fundamental na construção da competência no profissional que inicia sua formação. Conhecimentos mais específicos como anatomia, fisiologia, patologia, microbiologia, etologia, ecologia, sistemas de criação, deontologia e informações sobre bases da sustentabilidade da vida, são também requisitos fundamentais para formação em BEA. Diante disto é fácil observar que considerando, por enquanto, apenas a disponibilidade destes conhecimentos, ensinar BEA antes disto o bom senso nos diz que poderemos não alcançar êxito esperado. Más, a nosso ver, ensinar BEA antes do quarto semestre de curso também pode apresentar uma provável desvantagem, que parece ser inerente à condição do próprio aluno, no que diz respeito à relação que estabelece com o curso neste momento acadêmico. A nossa experiência como professor revela que nos primeiros semestres do curso a motivação do aluno se encontra muito atrelada ao emocional, decorrente do deslumbramento do ingresso na universidade principalmente hoje, quando recebemos um alunado cada vez mais jovem. Por se tratar eminentemente de uma “*ciência de valores*”, a sedimentação do conhecimento de BEA nestes jovens, ainda revelando esta imaturidade relativa, pode ficar comprometida. Segundo o eminente educador Paulo Freire, ensino é... *como um jantar que está sendo oferecido e é preciso que haja fome...*, obviamente que nosso colega se refere à vontade de aprender e de ensinar, em outras palavras total comprometimento. Ainda, para encerrar esta linha de argumentação e também baseado em experiências com magistério superior, reconhecemos três momentos distintos de formação da personalidade durante o curso: os três primeiros semestres são motivados pela *emoção*, os cinco seguintes pela *razão*, que em nossa opinião é o período de maior “*fome*” de aprender e, os dois últimos, pela *preocupação* com seu futuro. Quando examinamos experiências em outros países verificamos que naquelas instituições que ministram esta disciplina de forma independente isto é feito nos mais diversos momentos do curso desde o primeiro ao último ano. Finalmente acreditamos que o melhor momento para se ensinar BEA é do quarto ao sexto semestre do curso. Aqui na Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais esta disciplina será oferecida no quarto semestre.

Restam ainda responder as questões “*o que e como vamos ensinar?*”. Quando buscamos avaliar o que se tem definido como conteúdo a ser ensinado numa disciplina de BEA no Brasil e em outros países, verificamos uma variedade

enorme de denominações para assuntos abordados em tópicos no conteúdo programático, mas todos com convergência para objetivos etológicos, deontológicos, médicos e zootécnicos. É preciso considerar que encontramos BEA sendo ensinado por meio de várias estratégias tais como: uma disciplina independente apenas, de forma obrigatória ou não, associada a outras disciplinas que contemplam isoladamente conteúdos pertinentes, portanto tanto na forma vertical como horizontal de veiculação do conhecimento.

Tradicionalmente estas disciplinas, quando independentes, estão estruturadas em uma fundamentação conceitual histórica básica inicial seguida do desenvolvimento de conhecimentos científicos específicos da etologia, fisiologia e ética entre outros e, por fim, uma última etapa de aplicabilidade prática.

Na Universidade de Cambridge – Reino Unido, onde iniciou a primeira disciplina de BEA independente e de caráter obrigatório para todos os alunos, o conteúdo é composto de conceitos gerais de bem-estar animal, estresse, saúde, sentimentos e necessidades, métodos de mensuração de variáveis como comportamento, respostas endócrinas, proteínas enzimas, extensão de doença, função cerebral e sistema imune. Além destes, um seminário sobre questões éticas relacionadas ao uso de animais é realizado. O restante da disciplina é devotado a tópicos específicos como bem-estar e produção animal, alterações de bem-estar durante doença, seleção genética e bem-estar animal entre outros. Nesta disciplina são abordados animais de produção, de companhia, de experimentação, de laboratório, de zoológicos e silvestres.

Na Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Nacional Autônoma do México BEA é ensinado mediante duas disciplinas obrigatórias denominadas Etologia Aplicada e Bem-Estar Animal. Estas acontecem no primeiro e segundo ano respectivamente. O objetivo é desenvolver a compreensão dos alunos sobre os princípios básicos do comportamento animal para o manejo de animais e compreensão do estresse e bem-estar animal. Como conteúdo são abordados aspectos de etologia, ontogenia, neuroendocrinologia, fisiologia compreendendo um total de 80 horas aula. Adicionalmente e paralelamente é oferecido uma disciplina de seminário de bioética que compreende mais 32 horas aula.

Na Escola de Veterinária da Universidade de Massey – Nova Zelândia BEA é ensinado principalmente na disciplina denominada Comportamento, Bem-Estar e

Manejo Animal, que compreende 52 horas aula teórica e 24 horas aula prática. Seu conteúdo contempla bem-estar animal e direitos dos animais, etologia aplicada, terapia comportamental, interação homem animal, ética, legislação, dor, sofrimento, necessidades e métodos de avaliação.

Na Escola de Veterinária da Universidade da Pensilvânia – EUA, apesar de BEA não ser contemplado com uma disciplina independente o seu ensino é realizado através de três outras disciplinas. A primeira denominada Questões Éticas Veterinárias, de caráter obrigatório e as outras são Animais e sociedade e Sistemas de Produção Animal. Estas são oferecidas no terceiro ano do curso. Como conteúdo são apresentados a ética e suas implicações na relação homem-animal, senciência e cognição animal, bem-estar de animais de companhia entre outros.

Na Universidade Federal do Paraná BEA é uma disciplina independente optativa oferecida no quarto ano do curso. Como conteúdo é apresentado a história do bea como uma ciência independente, conceituação, interação homem-animal e ética. Na segunda parte da disciplina são abordados a avaliação de BEA através dos principais indicadores e liberdades e situações de Bea em categorias animais agrupados como animais de produção, de companhia, lazer, laboratório e animais selvagens. Com relação à categoria de animais de companhia são discutidas questões como controle de população e eutanásia. Em animais de produção são abordadas questões como abate humanitário e transporte. Além destas abordagens um painel sobre legislações pertinentes são realizadas e discutidas outras questões relacionadas como aspectos econômicos e perspectivas futuras desta ciência (GONYOU, 1994 ;HEWSON, 2005).

Na Faculdade de Ciências Veterinárias da Universidade de Buenos Aires – Argentina BEA é ensinado mediante três cursos que são oferecidos separadamente sendo o primeiro denominado Bem-Estar Animal I – introdução, com 30 horas aula, estruturado em dez unidades didáticas e seu conteúdo se compõe de: Noções de BEA, BEA e Etologia, BEA e Psicologia, BEA e Sociologia, Interação Homem-Animal: domesticação e cultura, Sofrimento, Evolução, Estresse, Homeostase, Estereotípias, Ambiente, Influencia Cultural e Religiosa e enriquecimento Ambiental. Bem-Estar II – Aspectos Organizacionais do Comportamento, com 20 horas, estruturado em cinco unidades abordando conteúdos como Percepção, Instinto, Aprendizagem, Cognição e Motivação e por fim Bem-Estar Animal III – aspectos

funcionais do comportamento, com 30 horas, estruturado em oito unidades cujo conteúdo aborda principalmente tópicos específicos do comportamento como formações de hierarquias, alimentação, predação, vigilância, reprodução entre outros.

Na Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais o ensino de BEA está contemplado desde o ano de 2005, como disciplina de pós-graduação denominada Bem-Estar Animal, com um conteúdo histórico e de fundamentação conceitual inicial e, em seguida a disciplina aborda temas específicos de BEA através de seminários apresentados por cada um dos alunos matriculados. A partir de 2011 este tema estará também contemplado na graduação como disciplina independente e de caráter obrigatório para todos os alunos, denominada Comportamento e Bem-Estar Animal, oferecida no quarto período, com uma carga horária de 45 horas sendo 30 destas teóricas e 15 horas práticas. Como conteúdo serão abordados como principais os conceitos de saúde-doença, etologia, fisiologia do estresse, dor e depressão, meio-ambiente e bem-estar animal, sistemas de criações e BEA, zoológicos e BEA, transporte de animais, abate e eutanásia.

De uma maneira geral após verificarmos o que outras instituições estão praticando no ensino de bem-estar animal percebemos que, embora de maneira diversa, os conteúdos e estratégias convergem para três pontos principais que destacamos: fundamentação histórica, qualidade de vida animal e a ética. Podemos ainda perceber que existem diferenças nas ênfases dos conteúdos em função, possivelmente, das duas grandes formas do pensamento que definem bem-estar animal na comunidade de pesquisadores desta ciência. A escola do “*funcionamento biológico*” e a escola dos “*sentimentos*”, conforme relata Duncan (2005). Obviamente que conforme a escola de pensamento do curso em questão há de se priorizá-la no estabelecimento do conteúdo desta disciplina.

Além das disciplinas formais seja na graduação ou pós-graduação ainda são praticadas diversas formas de ensino de BEA, através de seminários, grupos de estudo e discussão, cursos específicos oferecidos isoladamente ou associados eventos da área. Nas disciplinas formais observamos uma grande variedade de utilização de recursos didáticos para se atingir o ensino. Entre estes destacamos a avaliação de casos reais com visitas a criatórios e a apresentação de trabalhos específicos pelos alunos. Nestas os métodos de avaliações são os também

variados, em geral são compostos de prova escrita e prática através da avaliação de casos reais por grupos de alunos com apresentação de resultados.

Em última análise nós não podemos esquecer que o conhecimento é dinâmico e sua importância reside na demanda que a sociedade gera em função de uma intranquilidade e portanto necessidade. Nesta linha de raciocínio devemos recordar que a preocupação maior de Ruth Harrison na década de 60, não era a ave ou a porca engaiolada em si, mas a forma do homem interagir com os animais. Isto sim é que mais contava e, portanto uma questão social de moral que, em última análise se revela como a mola propulsora da ciência do bem-estar animal. Portanto, no ensino onde serão formados, não somente multiplicadores mas, formadores de pensamento é preciso que a questão central motivadora não seja esquecida.

## REFERÊNCIAS

DUNCAN, I. J. H. Science-based assessment of animal welfare: farm animals. **Rev. Sci. Tech. Off. Int. Epiz.**, v. 24, n. 2, p. 483-492, 2005.

GONYOU, H. W. Why the study of animal behavior is associated with the animal welfare issue. **J. An. Sci**, v. 72, n. 8, p. 2171-2177, 1994.

HEWSON, C. J.; BARANYOVÁ, E.; BROOM, D. M. et. al. Approaches to Teaching Animal Welfare at 13 Veterinary Schools Worldwide. **J. Vet. Med. Edu.**, v. 32, n.4, p. 422-437, 2005.